



NOVA PRÁXIS
EDITORIAL

ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA:

REFLEXÕES E EXPERIÊNCIAS
NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

ORGANIZAÇÃO

Valéria Scheidegger da Silva
Antonio Angelo Favaro Coppe



**“EU TOMEI CORAGEM E EU FALEI: MÃE, EU
NASCI NO CORPO DE UMA MULHER, MAS EU
NÃO ME SINTO UMA MULHER”: A Experiência
Transexual Compreendida à Luz da Abordagem
Centrada na Pessoa | 233**

Ercedilio Guedes Júnior e Vera Lucia Pereira Alves



Lista de Autores | 331

**“EU TOMEI CORAGEM E EU FALEI:
MÃE, EU NASCI NO CORPO DE UMA
MULHER, MAS EU NÃO ME SINTO
UMA MULHER”:** A Experiência
Transexual Compreendida à Luz da
Abordagem Centrada na Pessoa

Ercedilio Guedes Junior

Psicólogo; Psicoterapeuta; Especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR (Formação em Saúde Mental pelo Instituto Parentes em parceria com o Movimento De Saúde Mental/MSM)

E-mail: juniorguedespsi@outlook.com

Vera Lucia Pereira Alves

Psicóloga; Psicoterapeuta; Pós-Doutorado em Ciências Médicas e Doutorado pela UNICAMP; Mestre em Psicologia; Fundadora e Coordenadora do Espaço John Wood: Estudos e Pesquisas na Abordagem Centrada na Pessoa

E-mail: vera@alves.com.br

INTRODUÇÃO

Sob o olhar da Abordagem Centrada Na Pessoa (ACP), que aqui será centrada na pessoa transexual, em especial em Trans homens¹. Busca-se compreen-

¹ No trabalho será utilizado o termo Transhomem conforme esclarece Nery (2018, p. 394) que “trans” antecede o sujeito dando ênfase a identidade de gênero que se sobrepõe ao gênero masculino. NERY, João W. Transmasculinos: invisibilidade e luta. In: Green, N. J. et al. (Orgs.). **Histórias do movimento LGBT no Brasil**. 1. Ed. – São Paulo, Alameda, 2018. p. 393-419.

der as vivências de pessoas transexuais e seus atravessamentos sociais no processo transexualizador. Questões sobre a infância e a adolescência são analisadas e compreendidas a partir das relações familiares e do desconforto com o gênero. Há nisso uma busca e uma construção incessante em querer ter o direito de viver confortável em seus corpos dissidentes. Essa construção para a pessoa Trans² coloca em jogo toda sua vida, e suas relações familiares e sociais são atravessados pela transfobia.

Carl Rogers, psicólogo americano foi o fundador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Esta abordagem, segundo o autor, porta a ideia mestra de que “o ser humano tem a capacidade, latente ou manifesta, de compreender-se a si mesmo e de resolver seus problemas de modo suficiente para alcançar a satisfação e eficácia necessária ao funcionamento adequado” (ROGERS, 1977, p. 39). Capacidade é a tendência atualizante que segundo Rogers (1977) está presente em toda pessoa.

A Abordagem Centrada na Pessoa estabelece certas atitudes ou condições que podem funcionar em um ambiente de ajuda como facilitadoras do processo de crescimento, tais atitudes tornaram-se os conceitos mais conhecidos da teoria de Carl Rogers.

² Será utilizado neste trabalho o termo TRANS para se referir a toda população de Transexuais, Transgêneros e Travestis.

Apresentam-se como três condições básicas para um relacionamento facilitador, a congruência ou genuinidade, consideração positiva incondicional e compreensão empática.

Estas atitudes proveem de um curso natural da relação de pessoa para pessoa, criando um solo fértil e um clima capaz de promover o crescimento da pessoa, tanto em psicoterapia quanto nas relações humanas. Estas atitudes ou condições facilitadoras favorecem o crescimento tanto pessoal, quanto de um grupo ou comunidade, como afirma Rosenberg (1977, p. 123) essa abordagem serve como uma condição favorável para a formação bem-sucedida de um grupo de convivência ou trabalho.

Porém, atravessamentos sociais precisam ser considerados quando nos referirmos às pessoas transexuais, até mesmo porque o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais, de acordo com o BOLETIM Nº 002-2021 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Os dados evidenciam que o “Brasil tem 89 pessoas trans mortas no 1º semestre em 2021. Sendo 80 assassinatos, nove suicídios. Houveram ainda 33 tentativas de assassinatos e 27 violações de direitos humanos”. “O direito à leveza enquanto política de vida é um dos elementos mais fundamentais de todas as nossas lutas trans. Vidas leves são necessariamente vidas reconhecidas, respeitadas e vivíveis” (CAVALCANTI, 2019, p. 39).

O apoio e suporte emocional de familiares e amigos são fundamentais para lidar com os preconceitos cotidianos. Rogers em seu livro *A Pessoa Como Centro* (1977, p. 44) nos coloca a refletir ao dizer “meu principal interesse não mais se encontra na aprendizagem terapêutica individual, mas em problemas sociais cada vez mais amplos”, rompendo com uma teoria fechada em uma clínica, e ampliando a compreensão para o social. Diante disso Rosenberg (1977, p. 124) também propõe que os “procedimentos utilizados ou mesmo o caráter essencial das relações interpessoais seriam semelhantes àqueles que normalmente o indivíduo só consegue encontrar em situações especiais, como a da consulta psicológica ou a do grupo de terapia”. Tais condições são as mesmas que a abordagem centrada na pessoa utiliza em terapia, que são necessárias ao crescimento pessoal, e que também devem se fazer presente nas demais relações da pessoa.

Pensar a abordagem centrada na transexualidade é considerar o que Rosenberg (1977, p. 57) nos diz que “à medida que se desmascara e se enfraquece a estrutura tradicional das instituições socioculturais, vem à tona a capacidade de autodeterminação”, isso deixa claro que pessoas transexuais estão a todo momento quebrando as normas cis normativas que os/as impedem de serem pessoas dignas de direitos e de existir. Nery (2018, p. 402), mostra essa quebra da norma social quando “reivindicar a masculin-

vidade em um corpo destinado ao feminino é uma afronta à masculinidade falocêntrica hegemônica”. E Rosenberg ainda continua e complementa “quanto mais o homem deposita em si mesmo o *locus* de suas opções, mais apto e corajoso se torna para ‘desmascarar’ propostas sociais falsas ou desumanas”. Essas propostas nos remetem aos tempos sombrios da “cura gay”, hoje proibida pela resolução 001/99 pelo Conselho Federal de Psicologia, assim como a resolução 01/2018 que estabelece normas de atuação para os psicólogos e os psicólogos em relação às pessoas transexuais e travestis.

Nomear essa pessoa que é o centro dessa abordagem, em nosso ponto de vista, se faz necessário e urgente. Dar lugar às experiências e vivências dissidentes é romper a norma cis normativa e hétero centrada. E romper é algo que a população LGBTI+ sempre fez e cotidianamente ainda faz. A Abordagem Centrada na Pessoa não pode ser uma abordagem centrada apenas na pessoa branca, cis e heterossexual, mas uma abordagem interseccional que nos convida a compreender e aceitar o outro de forma empática e genuína, sempre considerando os marcadores sociais como raça, classe, gênero e sexualidade, porque viemos de algum lugar e esse lugar é sempre social. Na minha experiência pessoal, e como psicólogo e psicoterapeuta, a ACP é vista junto à população LGBTI+, na qual eu me incluo, e isso foi o sopro que deu sentido a esta pesquisa.

MÉTODO

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, possibilitando ao entrevistado falar de suas vivências de forma mais livre, não tendo suas respostas condicionadas a uma padronização de alternativas. As entrevistas tiveram como pergunta inicial e provocativa “*Como foi o processo de transexualização?*”, a partir dessa pergunta disparadora foi possível entrar em contato com suas vivências e experiências.

Para a realização das entrevistas foi feito um contato inicial, onde foi explicado de forma clara como essa aconteceria. Foi apresentada a relevância e os objetivos da mesma, com a finalidade de obter autorização do Termo De Consentimento Livre Esclarecido, para realização da pesquisa. Utilizou-se um gravador como meio de registro das entrevistas, que foram posteriormente transcritas.

PARTICIPANTES

A pesquisa contou com a participação de 03 transhomens, residentes do município de Cacoal — RO. Foram utilizadas letras para identificar os participantes, de modo a preservar suas identidades: *G, R e C*.

À pesquisa seguiu a técnica “bola de neve” para coleta dos dados. Essa é uma forma de amostra não probabilística, onde os primeiros participantes contatados na aplicação da pesquisa são as “sementes”, que devem ter conhecimento da sua localidade, do fato acontecido ou das pessoas que vivem na comunidade (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 333).

PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

A pesquisa utilizou o método qualitativo e fundamentou-se na fenomenologia dando ênfase na experiência das relações sociais que moldam os sujeitos. Pode-se dizer que “a categoria fenomenológica que se busca nesta pesquisa é simples e de superfície, jamais se busca aqui uma “essência” (PINHEIRO, 2014, p. 36). De acordo com a fenomenologia de Merleau-Ponty,

o mais importante para a pesquisa fenomenológica neste enfoque, seja qual for o instrumento utilizado, será a priorização da experiência. Parte-se do pressuposto metodológico de que o sujeito-colaborador sabe desta experiência, já que a vivenciou. O pesquisador se propõe, portanto, a aprender com quem já viveu ou vive a experiência sobre a qual ele quer aprimorar seus conhecimentos (MOREIRA, 2004, p. 451).

A partir da compreensão fenomenológica diferentes categorias foram criadas, a partir das experiências na infância, na adolescência e quando adulto. Sendo que, nestas categorias foram analisadas: as experiên-

cias da infância a partir do desconforto do gênero; as experiências da adolescência a partir do desconforto do gênero e da descoberta da orientação sexual, relações familiares e a descoberta da transexualidade, e na fase adulta as experiências envolvendo as relações sociais, familiares e as mudanças corporais.

A análise tem como referenciais os estudos sobre transhomens e a teoria da Abordagem Centrada na Pessoa de Carl Rogers (1902 - 1987) em especial sua proposta de atitudes para facilitação das relações humanas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os participantes rememoram que em suas infâncias já percebiam sinais que indicavam o desconforto com o gênero que lhes foi atribuído ao nascerem. Tais desconfortos foram percebidos por meio das brincadeiras que direcionavam o que seria permitido para brincarem.

"eu percebia esse incômodo, mas não associava tanto ao gênero quando eu era bem criancinha já, eu lembro poucas coisas da minha infância, mas eu me lembro de quando tinha uns 06 anos que eu já, só tinha amigos meninos, não me sentia confortável com meninas, não brincava com elas, meus pais me davam muitos brinquedos, bonecas e essas coisas, e eu não brincava, eu não gostei!" (Entrevistado C).

“Eu percebia que eu era diferente desde criança, eu percebia que assim, eu não gostava de brincar de boneca, eu sempre me sentia mais à vontade com meninos e não com meninas, tanto que minhas amizades de criança era 80% masculinas, eu gostava de brincadeiras de “meninos”, né; e eu me via diferente” (Entrevistado R).

As questões de gênero na infância aparecem por meio das brincadeiras e também pelo vestuário. Os desconfortos vão aparecendo na medida em que os entrevistados não se sentem bem em performar o gênero que lhes foi atribuído. Isso nos dá pistas para podermos compreender o processo de busca pelo *Eu* real, que rompe o Cistema³ e a norma, a fim de garantir o direito de existir como pessoa e mulher transsexual, transhomens e travesti, assim, “não podemos mudar, não podemos afastar do que somos enquanto não *aceitarmos* profundamente o que somos” (ROGERS, 2009, p.20, *grifo do autor*)

Os entrevistados *R* e *C* percebem esse desconforto a partir das brincadeiras, já *G* vem perceber o desconforto em relação ao gênero por meio do vestuário, ao rejeitar usar vestidos e preferir usar bermuda e camiseta regata, o que considerava afastá-lo do gênero feminino.

³ De acordo com Viviane Vergueiro Cistema aqui é utilizado como uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de cissexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante. Disponível em: <http://blogs.ibahia.com/a/blogs/sexualidade/2014/03/17/por-traicoes-contr-a-o-cistema/>.

“Olha, desde quando eu era criança e tal, eu nunca me identifiquei com a feminilidade. Tanto que tipo eu me assumi aos 13 anos. Desde criança eu já não me sentia bem, tipo, com certos tipos de roupa e tal. Tipo, quando a minha mãe me colocava vestido, cara, eu odiava, literalmente, eu chorava e tal, tanto que tipo, a única bermuda que eu tive, tipo quando eu ia pra escola, tinha uma escola que tinha uma camiseta regata, eu amava aquela camiseta. Toda vez que ia comprar uniforme eu só queria ela. Por que, pra mim, eu me sentia muito bem. E daí quando minha mãe comprou uma bermuda pra mim que era mais larguinha e tal, que ia até o joelho, eu só ia com ela, aí minha mãe até me zoava quando era criança, por que, tipo era “bate, enxuga, sacode e veste”, eu só colocava aquela, entendeu? era aquela bermuda, bonzinho virado para trás, tênis All Star e a camiseta de uniforme regata. Sempre foi assim” (Entrevistado G).

Para Ávila (2014, p. 106) a autoidentificação trans parece ser um processo longo e permeado de receios, fantasias, esperanças, contradições, tensões e conflitos, tanto na esfera privada quanto pública, até chegar ao difícil reconhecimento social do gênero desejado. Esse reconhecimento confirmam ser quem são, ou seja, confirmam suas identidades de gênero, porém poder ser eles mesmos, se torna uma meta que a população Trans brasileira tem e que não é fácil nem simples, pois a transfobia tem se tornado uma barreira violenta a ser ultrapassada. A meta que o indivíduo mais pretende alcançar, o fim que ele intencionalmente ou inconscientemente almeja, é o de se tornar ele mesmo (ROGERS, 2009, p. 122).

As questões relacionadas ao gênero marcam tanto a infância dos entrevistados como a adolescência, e é nesta fase que o gênero é mais explorado junto a sexualidade. Desta forma a adolescência dos entrevistados é marcada pela descoberta da orientação sexual onde se assumem homossexuais, porém a orientação sexual entra em conflito com seu gênero.

Segundo Freitas (2014 p.70) identificar-se é diferenciar-se, mas também perceber novos iguais, novas metas e desejos e redefinir relações a partir do novo lugar ocupado, isso ilustra a necessidade premente que o indivíduo sente de buscar a si mesmo e de tornar-se ele próprio (ROGERS, 2009, p. 126).

A descoberta da sexualidade também é marcada por processos de enfrentamento da não aceitação da família, conforme os relatos deles:

“Aí quando eu tinha 13 anos me assumi homossexual, e a minha mãe ficou bem baqueada, mas depois a gente foi conversando, fui conversando com ela, hoje ela me aceita super bem” (Entrevistado G).

“Primeiro eu identifiquei outras coisas quando era mais jovem como: “não gosto de homens, gosto de mulheres”. Então primeiro foi essa notícia, e meu pai ficou um mês sem falar comigo morando na mesma casa, mas não olhava para mim” (Entrevistado C).

“e aí quando eu fui entrando na adolescência que até então eu era hetero, né? Eu comecei a ficar com meninas, aí eu falei: “é não é de homem que eu gosto muito”, então sei lá, eu acho que sou lésbica isso na adolescência de 14 anos, sei lá” (Entrevistado R).

Os entrevistados *C* e *G* ao falarem da descoberta de suas orientações sexuais se nomearam homossexuais, afirmando o reconhecimento do gênero masculino a partir da adolescência. Já *R* na adolescência se identificou como lésbica e logo depois percebe o conflito de sua orientação sexual e com seu gênero.

(...) aos 18 anos que eu passei por esse processo de conflito comigo mesmo, porque eu me relacionava com mulheres, eu gostava, mas eu não gostava da minha visão no relacionamento com a mulher, entendeu? Eu não gostava eu ser uma mulher me relacionando com uma mulher” (Entrevistado R).

De acordo com Ávila (2014, p.117) “a autoidentificação trans é uma descoberta processual que pode levar muito tempo. Para alguns começa com uma “sensação” ou “percepção” de estranheza, de que são “diferentes” de outras pessoas ou não estão satisfeitos consigo mesmos”. Na experiência deles gênero e sexualidade se entrecruzam, primeiro a descoberta vem pela via da sexualidade e mais tarde pela identidade de gênero transexual. Embora as questões de gênero sempre estivessem presentes na vivência deles, nunca foram nomeadas e quando essa experiência passa a ser nomeada assumem o gênero de transhomem heterossexual.

Outro fator que referem ter marcado a infância e a adolescência é a falta de representatividade de pessoas transmasculinos em diversos cenários, ou seja,

a não presença de transhomens nos nichos das amizades e nas mídias sociais dificultou o processo de identificação com iguais.

“Eu tinha 18 ou 19 anos quase isso, quando foi a primeira vez que eu ouvi falar sobre transexualidade. Hoje tenho 23 anos, e eu nunca tinha escutado falar sobre isso, não sabia nem que existia, aí assim que eu vi o primeiro caso, o primeiro relato que eu li, deu aquele: “cara então era isso! era isso o tempo inteiro”, aí não faz tanto tempo” (Entrevistado C).

“eu me via diferente, mas até então eu não entendia, por que naquela época não era um tema muito difundido assim, e tipo meus pais também não iria me abordar isso, por que eu acho que eles nem tinham conhecimento” (Entrevistado R).

É nesta perspectiva que eles compartilham da ideia de que por não terem referências de transhomens na infância, somente na adolescência por meio de pesquisas na internet, é que conseguiram esta identificação.

É a partir deste contato que segundo Freitas (2014, p. 68) desencadeou um processo de repensar sobre si, que preenchia lacunas de toda uma vida. Foi pela internet que muitos meninos e homens recorreram posteriormente para procurar um pouco mais sobre aquilo que pode ser uma luz para um incomodo antigo.

Podemos então compreender este recurso à luz do que Rogers nos fala:

“a pessoa tem dentro de si vastos recursos para a autocompreensão, para modificar seu autoconceito, suas atitudes e seu comportamento autodirigido – e que para mobilizar estes recursos basta proporcionar um clima de atitudes psicológicas facilitadoras” (ROGERS, 1977, p. 31).

Assim, as pessoas trans são movidas por esses recursos sempre no sentido de serem elas mesmas, apesar dos entraves sociais que são atravessados nesse processo. Foi o que ocorreu com G na adolescência que por meio de pesquisas na internet identificou um movimento igual ao que ele sentia, e essa representatividade lhe trouxe certezas de forma que ser homem trans começou a fazer sentido para ele. Freitas (2014, p. 54 apud Garcez e Maia, 2009, p.86-87) relata que a possibilidade de uma identificação coletiva, proporciona uma maior certeza sobre as próprias escolhas e a motivação para se autoafirmarem no mundo, mediante a afirmação da sua diferença.

Essas pessoas falam por si mesmas, de uma causa comum, e persistem para que seus pontos de vista sejam aceitos. G ao se referir sobre representatividade na adolescência diz:

“tipo, eu já seguia muitos homens trans, entendeu? muitas páginas de tumblr, então tipo, eu já seguia, já sentia” (Entrevistado G).

A representatividade de pessoas LGBTI+ denota ser muito importante, notadamente via espaços culturais seja na televisão, revistas ou em espaços sociais,

organizacionais e educacionais. Os entrevistados R e G procuraram nestes espaços se sentirem pertencentes e com isso começaram a participar de grupos *online* sobre transexualidade masculina (transmasculinidades), onde compartilham experiências de vida e informações sobre o processo de transexualização com outros transhomens. De acordo com Freitas é:

em comunidades virtuais, que discussões e as solidariedades acontecem para além dos espaços hospitalares e militantes, possibilitando que suas vivências múltiplas, entrelaçadas por diferentes marcadores sociais, sejam exploradas (FREITAS, 2014, p. 67).

A internet passa a ser um instrumento importante e facilitador no processo de transição, pois permite encontrar novos círculos de sociabilidade que serão fundamentais no percurso de se realocar socialmente.

Nesses grupos podemos perceber o quanto eles se sentem compreendidos, e esse sentimento vem ao encontro do que Pinto (2010, p. 71) nos diz sobre a compreensão empática, em estarmos “abertos a essa experiência junto com o outro, fazendo parte do mundo do outro, caminhando os passos do outro, sendo conectado a esse mundo de forma natural, verdadeira e intensa”, essa abertura com o outro é encontrada nos grupos online.

É por meio deste grupo *online* que eles encontram um lugar possível para o autorreconhecimento e de aproximação com outras experiências das transmasculinidades.

“Eu me aproximei de algumas pessoas novas, conheci gente nova também, to conhecendo bastante gente do mundo trans tipo de fora, que sempre tem nessas páginas e tal, que a gente troca informações, essas questões de disforia e tal, eles ajudam muito, muito, é legal” (Entrevistado R).

“Eu tô num grupo de WhatsApp que é onde eles falam sobre transição e tal. (...) Ali eu consegui amigos e ajuda, e são pessoas de São Paulo, do Rio de Janeiro, que já fazem o processo. Conheci muitas pessoas que me ajudam, e que estão no mesmo processo que eu” (Entrevistado G).

De acordo com Freitas (2014, p. 73) “as mudanças e transições não dizem respeito somente ao indivíduo que se afirma como homem transexual, mas a todo o seu círculo relacional mais próximo também”, ou seja, podemos compreender que “na medida em que cada um de nós aceita ser ele mesmo, descobre não apenas que muda, mas que as pessoas com quem ele tem relações mudam igualmente” (ROGERS, 2009, p. 25-26). Tal mudança na vivência de pessoas trans geralmente coloca em jogo suas vidas. Assim a relação familiar é central neste processo, tanto para as questões de acolhimento e aceitação, quanto aos conflitos.

O processo de falar sobre a identidade de gênero e sua transição para a família, não é um processo simples, pois não há garantias de que a família irá proporcionar segurança, acolhimento e ter consideração positiva. É neste sentido que em geral as relações são reavaliadas e perdidas em função da incompreensão, transfobia e desconhecimento sobre a transsexualidade (FREITAS, 2014, p.73).

Cada entrevistado passou por experiências singulares em seu processo de transição de gênero em relação à família. No caso do entrevistado G a sua relação com a família em seu processo de transição é marcado por acolhimento, consideração positiva e aceitação de seus pais, fatores que foram fundamentais em seu processo de tornar-se transhomem uma vez que essa aceitação genuína que sentiu dos pais, o ajudou a passar por vivências de transfobia.

(...) eu tenho o apoio da minha família, tenho o apoio da minha esposa. Então mim está sendo ótimo, está sendo algo libertador pra mim" (Entrevistado G).

De acordo com Rogers essa aceitação de cada aspecto flutuante desta pessoa constitui para ela uma relação de afeição e segurança. A segurança de ser querido e prezado como uma pessoa parece ser um elemento sumamente importante em uma relação de ajuda, pois "o indivíduo descobrirá dentro de si a capacidade de utilizar essa relação para crescer" (ROGERS, 2009, p. 38 - 40).

G. relata que quando decidiu contar para sua mãe sobre como se sentia, tentou encontrar o melhor jeito de se expressar, foi então que falou sobre cortar o cabelo, e foi nesse momento que a mãe entendeu e o acolheu.

“Eu cortei o cabelo, aí ela sentou comigo na varanda, eu comecei a conversar com ela: Mãe, mas se eu fosse tal, aí ela: Eu te aceitaria do mesmo jeito. Você vai ser o meu filho, e nem por isso eu vou deixar de te amar” (Entrevistado G).

G conta que desde o primeiro dia seus pais e os avós o trataram no masculino, chamando-o por seu nome social

“Ela me trata tipo: meu filho. Me apresenta como meu filho. Meu pai também: é meu filho. Desde o primeiro dia sempre. Meus avós também: é meu neto, desde o primeiro dia” (Entrevistado G).

Quando R. começa a ter uma relação mais amigável com sua mãe, o medo se fez presente ao contar sobre sua transexualização. Era o medo de perder essa amizade de difícil construção:

“(...) e ano passado na semana do Natal para o Ano Novo eu tava com a minha mãe e tipo nosso convívio melhorou muito, a nossa conversação também, eu sentia que era a hora, e que eu poderia falar sem medo dela. (...) Eu tava com ela no quarto, eu falei que eu queria falar com ela um assunto muito importante e delicado para mim, que eu não sabia como eu falava, não sabia explicar, e eu tava com muito medo, porque eu sentia que agora eu era amigo dela e que eu não queria perder essa amizade, porque demorou muito tempo para eu e minha mãe, se encaixar, sabe?” (Entrevistado R).

Embora G. tenha encontrado acolhimento e aceitação, também sentiu medo, assim como R. e C. sentiram medo ao falarem sobre sua transição de gênero para a família.

“E eu demorei, acho que sei lá, uma hora e meia na cama, assim enrolando, que eu não conseguia falar. (...) aí chegou uma hora que eu tomei coragem e eu falei: Mãe, eu nasci no corpo de uma mulher, mas eu não me sinto uma mulher, eu nunca me aceitei como mulher, eu sempre me vi como um menino, com um homem, e no meu futuro, eu também vejo como um homem. E ela ficou meio que sem entender, e eu expliquei sobre a transexualidade para ela, falei sobre esse processo” (Entrevistado R).

“Pra mim foi tranquilo, e eu achei não iria ser. Eu só tinha medo mesmo de contar e ela (mãe) não me aceitar” (Entrevistado G).

“E meus pais primeiro acharam que era uma brincadeira, e aí quando eles viram que não era brincadeira, aí eles começaram a ameaçar a tirar coisas, tirar o carro, tirar faculdade, mandar pra fora de casa, aí eu já estava esperando por uma reação assim, pela primeira reação deles só por saber que eu não gostava de homens, né? que seria uma coisa mais simples. Aí, eu deixei tudo no carro, coisas importantes, roupas suficientes para ir na casa de alguém e deixei lá documentos, tudo o que eu iria precisar, que eu já imaginei que fosse acontecer alguma coisa assim, mas aí eles acabaram que ficaram dias fazendo essa ameaça: “Se você não parar eu vou te tirar da faculdade”, mas não me mandaram para fora de casa, e eu deixando as coisas escondido por medo disso acontecer. Aí meu pai jogou minhas coisas fora, jogou acessórios, roupas que ele achava que era masculino né? E ficaram uns dois meses desse jeito assim, eu fiquei bem ansioso e angustiado” (Entrevistado C).

C. ao falar de sua autoidentificação como transhomem para a família precisou lidar com constantes ameaças dos pais, incluindo ser expulso de casa. Tal vivência de C vem ao encontro do que afirma Ávila (2014 p.122) “o identificar-se como trans implica em pensar sobre a decisão a tomar em relação à transição e que tipos de conflitos podem surgir a partir daí”.

Embora o revelar-se Trans envolva medos e inseguranças em relação à família, podemos compreender que ousar ser uma pessoa trans é quebrar o que sustenta algumas relações, muitas vezes é se ver também na solidão.

Como nos diz Rogers (2009, p. 19) “nas minhas relações com as pessoas descobri que não ajuda, a longo prazo, agir como se eu fosse alguma coisa que não sou”.

O medo de ser expulso de casa é um medo muito real que toda pessoa LGBTI+ sente no processo de contar para a família sua orientação afetivo-sexual e/ou sua transição de gênero. Ferreira (2016, p. 63-64) relata que histórias de preconceito na família e expulsão de casa são recorrentes, assim como a expulsão velada da escola e falta de oportunidades no mercado de trabalho. C relata que não se sente aceito pelos pais

“Meu pai ficou ainda um tempo sem falar comigo e até hoje não me chama pelo meu nome. sinto que eles não me aceitam com essa nova identidade. Quando eu faço uma coisa que ela (mãe) não quer que eu faça, ela vai e me chama pelo meu gênero antigo, me chama pelo meu nome antigo, chama em público” (Entrevistado C).

Assim, podemos considerar que a descoberta do *eu na experiência*, é “*ao invés de tentar sustentar a sua experiência na forma de uma máscara, ou fazer com que seja uma forma ou estrutura que não é, ser ela mesma significa descobrir a unidade e harmonia que existe em seus próprios sentimentos e reações reais*” (ROGERS, 2009, p. 129).

Diante desse processo em que o sentimento de medo se fez presente, os entrevistados buscaram apoio, acolhimento e segurança em pessoas significativas para eles. O acolhimento, segurança e consideração positiva são fundamentais no processo de transição de gênero, pois garantem segurança e suporte emocional para também lidar com as situações de preconceito.

Descobri que é quando posso aceitar uma outra pessoa, o que significa especialmente aceitar os sentimentos, as atitudes e as crenças que ela tem como elementos reais e vitais que a constituem, que posso ajudá-la a tornar-se pessoa: c julgo que há nisso um grande valor (ROGERS, 2009, p. 25).

A experiência em ser acolhido e considerado para *G* vai além do núcleo familiar, pois é também na esposa que encontra apoio e coragem para seguir.

A vivência com a família e a esposa fez com que ele se sentisse aceito, e “por aceitação, quero dizer uma consideração afetuosa por ele enquanto uma pessoa

de autovalia incondicional – de valor, independentemente de sua condição, de seu comportamento ou de seus sentimentos” (ROGERS, 2009, p. 38).

“Pra mim ter esse apoio foi sensacional. Foi muito importante. Todo esse processo quem me ajuda é minha esposa. (...) Ela é quem realmente fala assim: ‘não, vamos conversar, vamos ver o que dá pra fazer’, entendeu?. (...) Ela foi uma peça-chave assim, para poder me ajudar” (Entrevistado G).

A experiência do entrevistado C. é marcada pela falta de consideração positiva e acolhimento por parte dos pais, porém é na relação com a irmã que ele se sente considerado e aceito.

“Primeiro ela era como uma aliada em casa, e me ajudou a escolher novas roupas, então a questão social, assim, ela me ajudou bastante” (Entrevistado C).

A experiência de R. também esbarra na falta de consideração positiva por parte sua mãe, mas encontra acolhimento no pai e em sua namorada.

“meu pai sempre foi de boa, ele me aceita, ele me ama como eu sou. Desde sempre, desde a primeira vez que eu me assumi lésbica, ele deu risada e falou assim: ‘eu já sabia!’ tipo, ele sabia, não tem como, a minha mãe que não aceitava, porque minha mãe queria muito uma filha, eu fui a primeira filha” (Entrevistado R).

“Mas eu me firmo muito na minha namorada, que no caso a gente mora meio que junto, e ela sempre tá comigo, então ela sempre tá nos momentos de preconceito na rua, ela sempre tá nos momentos de disforia, nos momentos que eu não acordo muito bem, que eu não me sinto muito bem, então eu acho que a pessoa que mais me ajuda é ela, a conseguir manter, sabe? estabilizado” (Entrevistado R).

Para Rogers (2010, p. 149) essa consideração positiva “significa que não há condições para a aceitação, nem sentimentos do tipo: ‘gosto de você, apenas se você for desta ou daquela maneira’”. Assim, podemos compreender que *C.* e *R.* vivenciaram experiências em que se sentiram considerações puramente condicionais em relação às suas famílias, que exigiam que eles não fossem autênticos.

Nessa jornada muitas relações são reavaliadas e perdidas em função da incompreensão, transfobia e desconhecimento sobre a transexualidade (FREITAS, 2014, p. 73). No entanto, cada um encontra suporte e apoio emocional em pessoas significativas para se mostram disponíveis a estarem com eles nesse processo. *R.* encontra apoio e suporte emocional na namorada, e *G.* encontra na esposa consideração positiva e tem nela seu principal ponto de apoio e suporte, enquanto *C.* tem seu ponto de apoio na irmã e em sua psicóloga. Esse suporte emocional:

(...) é a possibilidade de perceber que alguém realmente tem interesse genuíno por suas histórias, seus sentimentos, suas dificuldades ou seu silêncio. É alguém que simplesmente confia e acompanha os passos, com interesse genuíno, sem interesse em apressar ou retardar o processo (PINTO, 2010, p. 72).

Tal suporte emocional foi fundamental para C. e R., pois para se protegerem e evitar episódios de transfobia escolhem se distanciar de parte da família. C. distanciou de boa parte de sua família, pois eles não respeitam seu gênero e nome social

"Eu sou afastado de todos os meus familiares, porque eu quero mesmo. Não quero ter que explicar tudo que aconteceu, porque eu não os vejo há cinco anos mais ou menos, a maioria mora lá em outra cidade"(Entrevistado C).

R. se distancia de sua família paterna, principalmente de seus avós também pelo mesmo motivo.

"Eu sofro preconceito pra minha família por parte de pai. (...) eu dei uma distanciada, e aí a minha avó fica comentando as minhas fotos, tipo: "linda, saudades". Sabe, um A do tamanho do mundo assim... tipo no feminino, sabe? Frisando, frisa bem!"(Entrevistado R).

G. não enfrenta transfobia na família, mas se depara com ela nos espaços sociais, como no trabalho e quando tenta iniciar seu processo de hormonização, ao passar em atendimento pela médica endocrinologista pelo sistema único de saúde, o atendimento não é humanizado, é transfóbico.

“Eu fui tipo, agredido pela própria doutora endocrinologista, falou que não iria me atender por que não era da arcada de estudos dela, e que ela não fazia esse tipo de coisa, e tinha tipo, outras mulheres que tava agredindo o próprio útero e tal, coisas do tipo” (Entrevistado G).

Situações como estas impendem que pessoas trans utilizem o Sistema Único de Saúde (SUS), fazendo com que busquem recursos não seguros, colocando suas vidas em risco. Apesar de G. ter passado por essa situação de preconceito, ele não desanimou em dar continuidade no processo da hormonização.

“Ai agora eu quero procurar o particular. Porque tipo, eu não consegui no público, vou ter que procurar outros meios” (Entrevistado G).

Os três relatam a importância das mudanças corporais, em relação ao seu gênero, com a hormonização, mamoplastia masculinizadora, histerectomia, além de mudanças na estética.

“O que falta pra mim só é a transição mesmo com hormônios, que eu quero muito, e eu sei de todos os riscos, porém é um risco que eu quero correr” (Entrevistado G).

Sobre começar a hormonização R. conta os motivos para ainda não ter iniciado

“Ah, eu não sei como abordar agora isso pra minha mãe, porque ela contou para família inteira e tal, mas tipo assim, eu não sei se a família me aceitaria sabe? Talvez eles falassem assim: “não isso já é

demais. Isso não dá”, entendeu? E parar de pagar minha faculdade. Eu tenho medo. Mas assim, era o que eu mais queria fazer para me sentir bem, eu acho que depois que eu começasse, eu me sentiria melhor comigo, pela minha voz, mudaria algumas coisas que eu não gosto” (Entrevistado R).

Até o dia em que foram realizadas as entrevistas, os entrevistados G. e R. não haviam iniciado o processo de hormonização. C. há um ano e meio fazia a hormonização, já tendo feito a mamoplastia masculinizadora. Esse processo para C. foi solitário, pois em casa não teve consideração e aceitação dos pais, por isso iniciou a hormonização sem os pais saberem.

“Tanto que meus pais não perceberam que eu estava usando testosterona, até eu fazer uns sete meses de transição já, porque aí já não dava mais para disfarçar tanto a voz. Eles ficaram bem bravos, mas não tinha mais o que fazer, eu disse que eu iria usar, eu iria fazer ou eles podiam fazer qualquer coisa, que não importava pra mim mais. Ou é fazer isso e vocês podem fazer o que vocês quiserem, porque não tem outra opção não tem o “Não vou fazer”, não existe” (Entrevistado Q).

Esse processo em aceitar-se transhomem é atravessado também por questões socioeconômicas. Enquanto G inicia seu processo pela rede SUS, C iniciou pela rede de saúde privada, mesmo sem os pais saberem. O entrevistado R não iniciou seu processo por medo de seus avós não mais pagarem a faculdade cursa.

Os entraves vêm por diferentes vias nas vivências dos entrevistados, sejam elas socioeconômicas ou afetivas, conforme afirmam Nery e Maranhão (2017, p.

286) que “na maior parte dos casos só depois de se ter condições emocionais e/ou financeiras é que começa a transição. A crescente dificuldade para se fazer entender perante o outro e/ou a si mesmo também é um fator decisivo para surgir o desejo de se harmonizar”.

O processo de construção do *eu* acontece mesmo que o ambiente não seja facilitador por não dispor de condições necessárias para isso, mesmo assim, a pessoa encontra dentro de si tais recursos. Apesar de passarem por todos os episódios de preconceitos eles não desistem de serem eles mesmos.

De acordo com Rosenberg (1977, p. 66) à medida que se permite às pessoas tomarem maior consciência de seus verdadeiros desejos e sentimentos, inevitavelmente elas se sentem mais poderosas em relação a seu destino e mais diretamente responsáveis por si mesmas.

Os entrevistados relatam que esse processo da transexualização masculina os deixaram mais autênticos enquanto pessoas, se aproximando mais de si mesmo e de suas potencialidades. Ser uma pessoa autêntica é sentir-se confortável em sua pele, é ser, sobretudo, uma pessoa em construção.

“Hoje eu me sinto livre, não totalmente, (namorada: tá no caminho) sim. Me sinto assim, que eu posso ir, sabe? que eu nunca senti que eu podia, e agora sim (chorando). Então tipo, as únicas barreiras que eu tenho é com a minha aparência mesmo, mas isso eu to construindo ao longo do tempo, então acho que eu vou me sentir mais aceito ainda, mas no decorrer eu estou bem, me sinto bem agora” (Entrevistado R).

“Cara, é algo libertador, sabe? Era como se eu tivesse um corpo que não era meu, eu tirei um peso de mim, eu tirei algo que não me pertencia, sabe? Para mim isso é libertador, está sendo maravilhoso todo esse processo, por mais que às vezes tem alguns empecilhos, mas, tipo é algo que eu posso tentar de novo e ir atrás, e tudo mais, e conseguir, entendeu? Para mim é algo maravilhoso, está sendo algo muito maravilhoso, até porque, igual falei, eu tenho o apoio da minha família, tenho o apoio da minha esposa. Então mim está sendo ótimo, está sendo algo libertador pra mim” (Entrevistado G).

“Cada vez mais eu me sinto como se sempre tivesse sido desse jeito, eu tinha até me esquecido de que precisava fazer histerectomia até a médica me dizer, eu esqueci, não é uma coisa que eu me lembro, parece que eu nunca estive em outro lugar, é muito natural” (Entrevistado C).

Em alguma medida, em algum momento de suas vidas eles experienciaram acolhimento, consideração e aceitação enquanto pessoas que buscam ser genuínas. Pinto (2010, p. 82) traz uma reflexão importante quando nos diz que “a partir da aceitação e do acolhimento, a tendência é que a pessoa sinta maior confiança para ser ela mesma em seus sentimentos, confusões e dificuldades, para se perceber e a se autodirigir para o seu caminho”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou compreender as experiências e vivências de 03 transhomens. Suas vivências, face a nossa experiência prática e teórica com a ACP, puderam ser compreendidas à luz desta abordagem psicológica, desta proposta de relacionamento interpesso-

al. Consideramos de grande importância utilizarmos esta teoria para compreender as vivências de minorias sociais. Neste caso, pelos transhomens.

Acreditamos que o relato desta pesquisa contribui para a psicologia em seu papel social, assim como acreditamos enriquecer a própria ACP ampliando sua aplicação para além da prática clínica. A Abordagem Centrada na Pessoa é considerada não pelos padrões clínicos, mas de forma relacional, a partir das relações dos entrevistados, o que mostrou que as relações familiares e núcleos de apoio mesmo que sejam *online*, se tornam facilitadores quando encontram acolhimento, aceitação, consideração e amor.

A vontade de viver de forma verdadeira e confortável em seus corpos das pessoas aqui entrevistadas é percebida de forma clara, o que nos faz considerar que o desconforto em relação ao gênero atribuído já dá sinais na infância, porém não é considerado por motivos de falta de informações sobre transexualidades, mas também por um fator determinante que é o preconceito; a transfobia. Refletir sobre formas mais livres de *ser* desde a infância até a fase adulta parece uma utopia sonhada que, contudo, junto a relações inspiradas pela ACP, podem ser concretamente facilitadas.

“Quer dizer que, se eu pudesse ser realmente aquilo que tenho vontade de ser, tudo estaria certo? Ele está lutando para reconstruir alguns dos aspectos

fundamentais da sua experiência” (ROGERS, 2009, p. 176), assim, as vivências trans lutam para garantir seus direitos em uma sociedade que sempre as/os colocam a margem. Como Céu Cavalcanti (2019, p.39) vem nos dizer ser preciso “refazer os pactos coletivos de morte e os substituir por pactos de vida coletiva, vivível e leve, é fundamental para que possamos, desde hoje, inventar futuros trans”.

É importante considerar e compreender que falar sobre vivências trans também é falar sobre os afetos e sobre a falta dele, e que pessoas cisgêneras podem até vivenciar desafetos, mas nunca será por ser que *são* – cisgêneras.

Rogers nos faz refletir quando traz um exemplo que diz: “pensei que ninguém poderia realmente gostar de mim por mim mesmo. Agora sinto a afeição de uma outra pessoa por mim. Talvez eu seja uma pessoa que pode ser amada pelos outros, talvez *eu seja* essa pessoa” (2009, p. 118, *grifo do autor*). Céu Cavalcanti também nos faz refletir sobre o auto afeto trans:

“Desejo a nós amor, nos seus níveis mais fundos. Amor-próprio para saber das potências de nossos corpos não cisgêneros. Amor por nós, amor entre nós. Amor pelas nossas ancestralidades trans, posto que hoje somos seus impossíveis sonhados. Amor pelas gerações trans a vir depois de nós, posto que somos somente o começo de seus passos ainda inimagináveis” (CAVALCANTI, 2019, p. 41).

Precisamos urgentemente aceitar que pessoas trans se tornam – na sua consciência – aquilo que *são* – na experiência. A pessoa trans é um organismo humano completo e em pleno funcionamento.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS – ANTRA. Boletins 2021. **BOLETIM N° 002-2021**. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-20211sem2021-1.pdf>. Acesso em 12/10/2021.

CAVALCANTI, Céu. Patologizações, Autodeterminações e Fúrias – Uma Breve Carta De Amor. IN: SOUSA, E.T; AMARAL, M.S; SANTOS, D.K. (Org.) **Psicologia, trav**: Florianópolis: Tribo da Ilha, 2019.

ÁVILA, Simone. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**. Florianópolis. Tese de Doutorado. Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. 2014.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **Congresso Nacional de Educação**. 2011. p. 329-341.

FREITAS, Rafaela Vasconcelos. **Homens com T maiúsculo. Processos de identificação e construção do corpo nas transmasculinidades e a transversalidade da internet**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, UFMG, Belo Horizonte - MG. 2014.

FERREIRA, Raísa Fernandes. **Transexualidade, rede de apoio e suas multiplicidades: do acolhimento ao protagonismo**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, 2016.

MOREIRA, Virginia. O Método Fenomenológico de Merleau-Ponty como Ferramenta Crítica na Pesquisa em Psicopatologia. In **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2004, 17(3), pp.447-456.

NERY, João Walter. Transmasculinos: invisibilidade e luta. In: Green, N. J.;

QUINALHA, R. et al. (Org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. 1. Ed. – São Paulo, Alameda, 2018. p. 393-404.

NERY, João Walter; DE ALBUQUERQUE MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg. Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 7, p. 280-299, 2017.

PINTO, Marcos Alberto da Silva. In: A Abordagem Centrada na Pessoa e seus princípios. CARRENHO, Esther; TASSINARI, Márcia. **Praticando a abordagem centrada na pessoa: dúvidas e perguntas frequentes**. São Paulo: Carrenho Editorial, 2010. p. 57-93.

PINHEIRO, Zairo Carlos da Silva. **O Imaginário Nas Espacialidades quilombolas do vale do Guaporé/Rondônia**. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em Geografia) Pós-Graduação de Geografia, Setor Ciências da terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

ROSENBERG, Rachel L. Terapia para agora. In: ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. (Org.). **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977. p. 49-68.

ROSENBERG, Rachel L. Uma comunidade centrada na pessoa. In: ROGERS, C. R.; ROSENBERG, R. L. (Org.). **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977. p. 103-132.

ROGERS, Carl R.; ROSENBERG, Rachel L. **A pessoa como centro**. São Paulo: EPU, 1977.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 6ª. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, Carl R. As condições necessárias e suficientes para a mudança terapêutica na personalidade. In: WOOD, J. K. et al. (Org.). **Abordagem centrada na pessoa**. 5ª. Ed. Vitória: EDUFES, 2010. p. 143-162.